

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1905

N.º 160

## A actriz Emilia Adelaide

† em Lisboa a 11-9-905



O seu ultimo retrato





**M**

ORARU a actriz Emilia Adelaide que tanto amou o Brasil e a quem o Brasil tanto festejou; morreu uma d'estas manhãs quentes de sol, n'uma pequena casita do alegre e solitario bairro da Estrella; expirou tendo á sua cabeceira uma irmã querida que lhe foi companheira na velhice, rodeada de mil recordações da sua gloriosa vida de artista, retratos, corôas, bibelots que lhe recordavam por certo ainda os seus triumphos de actriz e de mulher.

Ella foi, entre a geração que hoje dobra já o cabo tormentoso dos quarenta, a encarnação mais ideal da mulher amada. Ebelta, appetitosa, linda, com um olhar que estonteava, um sorrir que abria desejos, e uma voz que tinha a magia da meiguice, ainda mesmo quando era cruel, teria podido ser uma cortezã, se o theatro a não apaixonasse e lhe não roubasse o melhor do seu coração: Em plena primavera da vida, quando nem sequer tinha ainda a maioridade legal que permite ao ser humano dispôr de si proprio, deixou Portugal e veio para Lisboa. Tinha então dezoito annos e um anno depois, tendo passado a correr pela aula de declamação do Conservatorio, regida pelo espirituoso Duarte de Sá, estreou-se no theatro de D. Maria.

A *Chronica* mais nova do que ella não pôde acompanhar a de seguro em todas as peripecias da sua carreira, tanto mais que os biographos são a esse respeito de uma escassa meticulosidade, mas encontra a, annos depois, já em plena maturação de talento e de formosura. Emilia das Neves é então o sol que vae no ocaso, Emilia Adelaide o sol que rompe illuminando com todos os seus raios brilhantes o theatro portuguez. E' então que surge a orgulhosa Austriaca e a infeliz mãe do drama de Giacometti, Maria Antonietta; é então que apparece a elegantissima Morgadinha de Valfior que ria a um tempo dos ridiculos da aristocracia e das opiniões dos demagogos, essa soberba criação talhada para ella propria pelo grande talento de Pinheiro Chagas; é então que nascem, tomam vulto, e se erguem diante de um publico entusiasmado todas essas figuras de mulher desenhadas por Dumas na *Dama das camelias*, Girardin no *Supplicio de uma mulher*, Sardou na *Fernanda*, por Feuillet, na *Vida de um rapaz pobre* e na *Redempção*, e por Chagas ainda na *Judia* e na *Magdalena*, cujo primeiro acto é um delicioso acto de alta comedia, espirituosa e fina.

Os grandes artistas devem saber morrer a tempo, e Emilia Adelaide teve a comprehensão d'esta grande verdade, porque ha vinte annos nunca mais ninguem a vira n'um palco, a não ser uma só vez a recitar em um beneficio de caridade, uma grande poesia do seu

tempo, *A judia*, de Thomaz Ribeiro. Por isso, como raros dos que a conheceram nas suas noites de gloria, a ouviram recentemente, o que todos — os sobreviventes da sua geração e os que lhe seguiram — guardam ainda, bem viva e nitida na sua memoria e no seu ouvido, é ainda a linda Emilia Adelaide, elegante e chic, a sua voz estonteantemente meiga, e nunca a mulher *fanée* e avelhantada de sessenta annos.

A mulher bonita nunca devia envelhecer...

O recordar da mocidade de Emilia Adelaide é hoje como que o visitar de um cemiterio. Pôde dizer-se que com ella desaparece no tumulo a ultima representante de uma afamada geração de artistas. Tudo já morto! Manuela Rey a primeira confidente das suas primicias theatraes, Tasso, o galã que a amou, Emilia das Neves, a sua rival, Theodorico que a fez rir, Rosa Fae que lhe fez ditos, José Carlos dos Santos, o *Degenais*, que combateu a seu lado, e tantos outros e uma legião inteira de homens de talento e de homens de espirito, dramaturgos e chronistas — Mendes Leal, Francisco Falla, Cascaes, Julio Cesar Machado, Ernesto Biester, Antonio de Serpa, Thomaz Ribeiro, Latino Coelho, Palmeirim, Pinheiro Chagas. Dos traductores do seu tempo, só resta Ramalho Ortigão, o finissimo humorista das *Farpas*, o espirituoso escriptor que traduziu o *Marquez de Villemor*, que ella ainda representou com o Santos.

Se dos dominios da arte scenica passarmos á politica, que é outro genero de theatro e ás vezes até mais divertido, a *Chronica* tem a assignalar hoje o encerramento inesperado da sessão legislativa, motivado pelos ultimos acontecimentos tumultuosos do parlamento. A politica está sendo de surpresas, e com effeito esta foi das maiores. Mas o que tem realmente graça é que o decreto ditatorial, firmado portanto por todos os ministros, contentou gregos e trojanos. Não tomem isto como paradoxo. É uma perfeita verdade. Os ministeriaes exultam porque dizem traduzir-se n'esse documento a confiança da corôa; os dissidentes batem palmas de contentes, porque a consideram prova evidente de que o governo não pode caminhar, a opposição está alegrissima porque o aceita como o ultimo favor que a corôa pode conceder ao ministerio. Quem se enganará? O tempo o ha-de dizer. A *Chronica* é que se não engana, afirmando que esse contentamento geral é especialmente motivado pelo prazer que todos temem de ver-se livre dos trabalhos parlamentares n'uma quadra do anno em que é muito mais divertido ir para as thermas e para as praias do que para as Côrtes. Entre S. Bento e Cascaes, prefere-se esta e com certa razão.

O Parlamento em Portugal abre com S. Carlos e fecha com elle. Tudo o mais não tem... compasso!





## EM FLAGRANTE



Cintra. — S. M. a Rainha D. Amelia, sr.<sup>ta</sup> Condessa de Figueiro, sr. Conde de Mesquitella



Gliébis Benoitel.

Um grupo de senhoras da aristocracia



Gliébis A. Lima.

Jayme Alto Mearim  
Na Avenida das Picoas: salto de cavallo

sitos de machinas e mais installações para uma dada estação, nada mais lá existia para paragem do que uma taboleta espetada n'um pau á beira da linha! (7)

Os empregados superiores das estações ainda hoje cobram em seu proveito dinheiros para pagamento de pessoal que não existe.

Das receitas de exploração, apenas parte chega ao seu destino acompanhada de relatorios e mappas falsificados. Na conducção

das bagagens nem ha segurança para os passageiros, nem responsabilidade para os funcionarios.

Para construcção de uma ponte dispendeu o governo grossas quantias durante tres annos, ao fim dos quaes, segundo o relatório d'uma commissão, inspectora, lá não existiam nem vestigios da obra, nem uns simples alicerces de ponte! (8)

E' muito crível que isto por lá se passe. Bem pequeno é Portugal, a nossa pequena Russia, e occorre-me o caso de uma ostentosa expedición de obras publicas para o Ultramar.

Já lá vão perto de trinta annos que o caso se passou. N'ella foram trochas com ordenados de pedreiro; vi aprendizes arvorados em mestres de carpinteiros. O favoritismo elevou bebédos a officiaes.

Os tres annos dispenderam-se em regabofe grande. Ao findar o praso havia apenas feitos os alicerces de um hospital e uma linha telegraphica, cujos isoladores foram pregados no tronco de palmeiras e coqueiros. Um particular teria montado a linha em melhores condições de solidez em cinco ou seis semanas! Não haverá no mundo memoria de telegrapho mais dispendioso do que aquelle que primeiro ligou Loanda ao Dondo!

Falar dos horrores e atrocidades praticadas pela burguezia funcionalista é revolver uma podridão nauseante que provoca vomitos e produz calafrios.

Nem por onde principiar sei. Ou trate o assumpto nas cidades ou nos campos, na capital ou nas provincias; quer me occupe da administração civil, naval ou militar; ou seja que me refira a correios e telegraphos, ou cuide da policia ou do regimen da moralidade, o pantano é deletério, o charco é immundo, sem que a aristocracia, representada pelos Gran-Duques lhe possa acudir, por serem os seus vicios mais escandalosos em vista de partirem de mais alto.

Na Russia, embora tudo esteja prohibido, tudo é licito fazer se, porque ha, por assim dizer, tabellas extra-officiaes que marcam o preço do suborno.

Degredados, só o são os que não teem dinheiro para pagar o custo de se evadirem. Ha syndicatos de suborno em que todas as autoridades, desde o governador até ao simples official de diligencias, são cúmplices. Entre uns e outros ha valores entendidos. O passaporte é uma exigencia: mas forjam-se, fabricam-se para todos os nomes, titulos, edades e categorias.

Não ha funcionario que não tenha o seu preço, e o desejo de cada qual é que lhe cheguem a elle. (9)

Nos altos cargos tem-se visto mesmo o Estado premiar ladrões (10). Tal foi em 1902 o caso com Kleigels, que, depois de ter provavelmente roubado todos os creditos do corpo de bom beiros do S. Petersburgo, foi nomeado governador de Kief.

N'um paiz de mais de cem milhões de vassallos é importantissimo o movimento dos correios e telegraphos.

Em 1900 só pelo correio de S. Petersburgo passaram 39 milhões de cartas, 36 milhões de cintados, além de 23 000 000 cartas seguras contendo valores na importancia de bons 485 000 contos de réis, entre vales de proveniencia estrangeira e nacional. (11)

Avalie-se o que será o movimento postal de todo o Imperio, holo dos mais convidativos á cobiça insaciavel dos altos funcionarios do Estado.

Com effeito havia tempo que vinham affluindo de todos os recantos do paiz e tambem de subditos estrangeiros, queixas sobre queixas a proposito do desaparecimento successivo de letras seguras que continham valores consideraveis.

Tinham os nacionaes de se resignar com a indiferença, até mesmo desprezo official dos seus prejuizos. Alguns estrangeiros, porém, vendo-se desatendidos, appellaram para os representantes das nações a que pertenciam.

Foi isto por 1904. Choveram notas diplomaticas. O caso tornou-se mais grave, e houve que nomear um empregado que se dirigiu a Moscou a inventariar os documentos do correio.

Dos rarissimos que cumprem os seus deveres, achou elle vales do correio já inutilizados na importancia de 1 080 contos de réis que o Estado pagara, embora os seus respectivos donos não os tivessem recebido. (12)

Um dos auctores do crime fôra o assassinado Gran-Duque Sergio, com a complicitade de um conhecido chefe de policia e de um governador civil, cujos nomes, por sermos estrangeiros, nos absteimos de escrever.

Seria illimitada a citação de casos de suborno, crapula, desvio, peculato, e traição praticados pelo funcionalismo que se recruta entre a nobreza arruinada e a aristocracia insaciavel. Por isto é frequente nos processos celebres que não foi possível abafar, ver no banco dos réus, ao lado de vagabundos e gatunos, alguns filhos das familias mais distinctas do Imperio.

Na estação de Careof os roubos de toda a ordem assumiram durante 1890 1881 proporções deveras assustadoras. Apellava-se para a policia; esta, porém, mostrava-se impotente, sendo curioso que, expeditas ordens de pesquisa e perseguicção aos ladrões, nem assim o numero de roubos diminuia.

Com o decorrer do tempo e as investigações secretas e muito habéis do juiz, foi possível achar a pista do crime e trazer os delinquentes ao tribunal. O corpo da policia era a quadriilha; o seu commissario, como chefe, cobrava 15 % dos valores roubados, percentagem merecida pela garantia de impunidade. Chefes, sub chefes, policiaes não graduados, carregadores e ladrões profissionaes, todos tinham lucros no saque. (13)

Mais curioso é que a punição de tão grandes faltas constitue na Russia um caso excepcional. Foi o que levou Polovtzev, inspector do governo de Kief, a escrever:



Tsaritsino, para Rostov, Varsovia, Odessa, etc.

De Riga parte uma linha para o interior. S. Petersburgo serve a Finlândia.

Não saiu a obra de um só jacto. A primeira via que se construiu, satisfaz exclusivamente interesses tsaristas. Foi de Tsarscoi Sielo a S. Petersburgo, 37 kilometros destinados a ligar o palacio do Autócrata com a capital do Imperio.

Em 1850 havia apenas 1000 kilometros ferreos. Vinte annos depois o numero subia a 11:300, accusando um desenvolvimento de 51 % por anno.

De 1870 a 1880 as linhas augmentaram na razão de 11 % ao anno.

Em 1890 possuia o Imperio 32:000 kilometros, numero que em 1903 já era, emfim, de 54:800. Para este desenvolvimento muito concorreram 9:000 kilometros de Transiberiano, obra arrojada, embora de construcção ligeira e escandalosamente falsificada, mas nem por isso menos importante no seu alcance.

Diga se a verdade, a essa linha gigantesca deve o Imperio todos os seus infortunos, porquanto, se não fôra ella, teria opportunamente evacuado a Manchuria, evitando assim o triste desmoronar a que todos vimos assistindo.

Com a posse de uma linha a ligar o Oriente com o Occidente, julgou-se a Russia invencivel.

Foi esta velleidade que os fez sorrir só á lembrança de que alguma vez teriam de bater-se com o Japão, até mesmo com a Inglaterra, se uma ou outra, ou mesmo ambas tentassem oppor-se á usurpação da China ou ao fortalecer do Imperio n'aquellas regiões.

Mesmo que os japonezes conseguissem apoderar-se de Porto-Arthur ou Vladivostok, pensavam os dirigentes, (5) na Manchuria



O Porto, caes da Ribeira. — Encaixotamento de cebolas para o Brasil

costa, habilitando a despejar rapidamente tropas em Port-Simplon, já no Pacifico, as quaes, em caso emergente, chegariam á Manchuria quatro dias antes das tropas que em egual data tivessem partido de Moscou.

A proposito do Transiberiano cumpre reconhecer que a má construcção, a inefficacia da obra paga por boa, embora ficasse má, serviu de ratoeira ao Imperio. E' um caminho de ferro de guerra para só servir em tempo de paz!

Não menos importante sob o ponto de vista strategico é a linha do Transcaspio, que vae de Crasnovodsk, no Caspio, até Cusk, fronteiro ao Afghanistan, n'uma distancia de cerca de 4:000 kilometros, passando pelo Turquestão, Samarqandia e Taskent.

Tudo isto, porém, só evidencia um atraso completo em comparação de outros Estados que, menores em area, são infinitamente mais importantes pela quantidade de linhas e densidade ferroviaria. Não basta, porém, a deficiencia de linhas n'umas partes e a escassez n'outras, devido á falta de criterio na escolha dos traçados e ainda mais á conussão provocada pelos influentes.

Accresce a prevaricação — porque não diremos? — o descaro dos que o Governo encarrega dos serviços.

E aqui entramos casualmente em assumptos que prendem com o funcionalismo.

N'um paiz tão cruzado de rios e lagos como a Russia, impossivel seria o traçado de longas linhas, sem a necessidade de numerosas obras d'arte, especialmente pontes.

São celebres, partindo para leste, a de Alexandre (no Volga) com os seus quatorze pedões, as do Belaia, Ufa, Tobolsk, Ichimo, Irtich, Obi, Ussuri, Zungari e outras (6).

De todas, a mais notavel é sem duvida a que atravessa o Jenissei, Mede 895 metros de comprimento e assenta sobre pilares de pedra e esteios de ferro alternados.

Tantos trabalhos realizados em pouco tempo requereram o concurso de toda a engenharia scientifica. As obras de construcção admittiram milhões de empregados, incluindo trabalhadores de officio.

O funcionalismo official, já affeito a desvarios da peor especie, achou vasto campo onde a salvo faltar a voracidade.

A tão longinquoas distancias é quasi impossivel a fiscalisação, mormente quando os proprios que fiscalisam tambem prevaricam.

Geralmente os empregados officiaes russos consideram o paiz farto banquete, onde, aos felizes que comem á banca do arçamento, é dado refestelarem-se á vontade.

Os escandalos da construcção dos caminhos de ferro e respectivas obras d'arte arvoraram o Imperio em taboleiro de crápula, vicio e peculato que, partindo dos mais elevados superintendentes, vinha pervertendo todas as classes, até ás menos graduadas, até ao olheiro, até ao ultimo dos ajudantes de trolha.

E todos se encobriam para que podessem reciprocamente ser encobertos. Se o governo nomeava fiscaes, esses adheriam á usura, ao roubo descarado, por fórma que o duplo e triplo do valor custaram os trabalhos, e, quando realizados, empregava-se sempre do peor material na construcção.

O desvario chegou a ponto que algumas vezes, depois do governo ter pago quantias fabulosas por locomotivas, vagões, depo-



Cliecha Benollet.

O chafariz da Ribeira. — Porto

esbarrariam com um exercito de mais de cem mil homens contra os quaes seriam impotentes.

Quanto se enganaram na previsão, tem-no demonstrado o curso das operações na guerra.

Como resposta eloquente da Inglaterra ao Transiberiano, construiu ella tambem o Transcanadense, que de Quebec vae á contra-



uma verdadeira febre official, já que o governo russo especula com esta industria, como que vai conseguindo cada vez mais apertar as malhas do fisco e da perseguição.

O Imperio rege-se pela vontade de uma camarilha de aristocratas despoticos que, na febre de tudo governarem pelo capricho individual, até governam o proprio Tzar, que, embora apellidado

contro n'uma totalidade de 1.061.887 contos de réis, a verba de 255.568 contos inscripta sob o titulo de "ministerio das vias e communicações,, tanto como um pouco mais de um quarto das despesas.

Mas no orçamento extraordinario ou supplementar do mesmo anno vejo um total de 114.576 contos de réis, apenas 1.080 contos que não sejam positivamente applicados com esse destino. (4)

Mais edificante se nos revela a estatistica orçamental, quando se nota que no mesmo documento a verba destinada ao Ministerio de Instrucção Publica foi apenas de 23.585 contos de réis. Seguramente dez vezes menos!

Sobeja razão ha, pois, para afirmar que os caminhos de ferro, a eito e sem methodo nem objectivo, não correspondendo mesmo ás necessidades de uma industria ainda nascente, nada mais são na Russia do que um onus a pesar violentamente sobre o "mujic."

Isto, muito applicavel ao Imperio dos Tzares, para outro qualquer Estado o é.

Quem haverá capaz de justificar, por exemplo, entre nós, a necessidade e vantagens da linha marginal Lisboa-Cascaes, a não ser o servir alguns influentes endinheirados e cheios de importancia

convencional, que por ventura ali morem?

Não correspondendo, pois, a obra a interesses nacionaes, apraz-me inquirir se haverá quem possa com bons argumentos contestar que aquella linha, em vez de beneficiar o paiz, inutilizou algumas das nossas carreiras fluviaes que, sem ella, seriam a esta hora valiosamente desenvolvidas.

E' obvio que as linhas ferreas devem corresponder a necessidades estrategicas ou commerciaes. Fóra d'este caso, construidas á tóa, por meros caprichos de ordem capitalista, tornam-se ruinosas.

Taes são as circumstancias na Russia onde o povo, n'este momento, a não poder possuir traçados logicos e uteis, melhor viveria sem tantas linhas como as que tem,



O Porto visto de Gaya

"autócrata de todas as Russias,, é apenas um vassallo obediente d'aquelles que mais de perto o rodeiam.

Avalie-se que série infinita de erros deve commetter esse grupo dominante, sem capacidade comprovada, sem aptidões technicas, nem conhecimentos praticos das necessidades da nação por cujos destinos tão ineptamente se responsabilizam.

Sem ouvirem o parecer de peritos, sem o conselho dos entendidos, o governo em 1880 resolveu monopolisar a viação ferrea, comprando ás companhias particulares as linhas em actividade.

As condições da negociação foram das mais proprias a preparar a miseria e a ruina de um povo.

No systema de compra, o mais ruinoso de que ha memoria, o Governo, dispondo dos fundos da nação como de roupa de francezes, consentiu em perder todos os adeantamentos que tinha feito ás Companhias e em tomar a si todas as dividas por ellas contraidas, ao mesmo tempo que concordou em comprar-lhes firmes todas as acções em circulação. (3)

Como consequencia, já porque as linhas do Estado foram feitas com logro gerado na prevaricação dos funcionarios publicos, já porque as compradas ás Companhias se obtiveram em condições onerosissimas, tem a Russia as peores linhas ferreas do mundo e tambem as mais caras, ao mesmo tempo que são as menos commodas e as mais ronceiras, devido a empregarem na maioria lenha em vez de carvão para combustivel.

Isto explica a razão com que um auctor nos diz que a verba mais importante dos orçamentos do Imperio é absorvida

em despesas de caminhos de ferro, incluindo juros de emprestimo, liquidações onerosas com a compra de linhas a companhias particulares, encomendas fabulosas e desnecessarias de material a fim de que as officinas metallurgicas não fechem, etc.

Com effeito, no orçamento ordinario das despesas para 1904 en-



Clichés Bemollel.

Praça de D. Pedro IV, no Porto. — Emigrantes para o Brasil

A rede ferro-viaria do Imperio abrange principalmente como centros — Moscou, Petersburgo, Carcof e Varsovia.

São linhas importantes, além do Transiberiano e Transcaspio, as de Moscou-Petersburgo e outras, que de Moscou irradiam para o Arcangel, para Ufa e Txeliabinsk, para Rarov e Uralisk, para o





Martinho de Brederode

Auctor do livro de versos «Sul»

## SUL

*Quadras verdadeiramente poeticas, que denotam observação justa e sentimento elevado, são as que constituem o novo livro com que Martinho de Brederode veio dar lustre ás boas letras portuguezas.*

*Como um «bouquet» de flores aromaticas o «Sul» ficará a perfumar as estantes preciosas onde se guardam como n'um escriptorio as mais bellas flores do espirito.*

*Felicitando o poeta não temos melhor forma de documentar estas palavras do que reproduzir em uma das paginas do «Brasil-Portugal» um dos bons trechos artisticos d'esse livro adoravel.*

## Algarve

Terra do Algarve... A amendoeira em flor  
Neva de rosa o antigo reino moiro...  
E a biblica figueira, anã, a impôr  
A nota extranha nas planícies d'ouro!

Terra do Algarve, amavel, linda terra,  
Toda a fructa a doirar, por boa sorte!  
Africa já no plano, mas na serra  
Lembra a vegetação o campo ao norte.

Campo do Algarve... Palmas viridentes,  
E, pelas serras, negros castanheiros.  
Costa do Algarve, costa de valentes,  
Audazes, faladores marinheiros.

Sagres sorrindo ao sol... O sol, decerto,  
Foi quem allumiou a alma do Infante,  
Alma que viu na Sombra o Longe perto,  
E fez da Patria a grande Navegante!

D'este paiz de sol, foi d'elle a gloria  
De encher o mar de velas e pharoes.  
Já dos tempos remotos é, na historia,  
O claro sol, amigo dos heroes!

O Sol . O nosso inverno que seria  
Quente verão nas brumas d'Inglaterra.  
O Sol, a clara fonte d'alegria,  
O Sol, o grande amigo d'esta terra!

O' Sol, ó quente Sol, doira as espigas,  
Tinge esses cachos que senão nos perdes,  
O' Sol, bronzela o rosto ás raparigas!  
— Tão lindas, as trigueiras d'olhos verdes!

O' Sol glorioso, ó grande Sol invito,  
Nunca te esqueças, lá no immenso azul,  
Que sem ti não se alinda o chão bemdito  
D'esta terra de luz, terra do Sul!

Martinho de Brederode.

## Os caminhos de ferro e os correios na Russia

**T**EM grande importancia na actividade das nações modernas o systema e regimen administrativo e a quantidade de meios de comunicação e transporte, como estradas carreteiras, caminhos de ferro, navegação mercante, telegraphia, correios, etc.

Durante seculos serviu-se a Russia apenas de caminhos de pé posto por outros não possuir, a não serem aquelles que a propria natureza cavou e que serviram de caminho ás primitivas migrações.

A primeira estrada carreteira que tal nome merecesse, foi construida de Moscou a S. Petersburgo ao tempo de Pedro o Grande, o unico grande chefe que até hoje o Imperio poudo produzir.

Esta, porém, bem como outras que depois se fizeram, não correspondiam ás necessidades do commercio por terem sido traçadas com objectivos de fiscalisação e estratégia.

Em 1896 ainda as estradas não mediam mais do que 12800 kilometros de extensão, (1) ou fosse tanto como 2800 metros por cada 5000 kilometros quadrados!

De então até hoje a melhora não foi grande, porquanto as estatisticas com pequenas variantes estão todas concordes em reconhecer que a Russia tem apenas 32000 kilometros de estradas carreteiras em concorrência com 54800 kilometros de via ferrea.

Isto mostra que os caminhos de ferro, diverso do que succede nos paizes adiantados, são ali mais numerosos do que os caminhos de carros, cavallos e peões.

Por outro lado vê-se que ha vinte vezes menos caminhos do que em França ou Allemanha, embora o paiz seja muitas vezes maior do que aquelles dois grandes estados.

O maior desenvolvimento dos caminhos de ferro do Imperio data da alliança com a França, data em que esta principiou a emprestar muitos milhões de francos.

Foi então que se iniciou a montagem de grandes officinas metallurgicas, a execução de extensissimos traçados.

Não se crearam, porém, as linhas aconselháveis pelas necessidades dos mercados e da industria nascente.

Foi antes uma vertigem! O dinheiro da França fez surgir o trabalho por toda a parte. A inundação de capital fez que se creassem linhas de Companhias particulares em concorrência com as linhas do Estado.

A montagem de officinas e o lançamento de carris deu que fazer a milhões de homens. Houve a miragem de que o paiz nadava nas aguas da mais exuberante prosperidade.

Mais contribuiu para a illusão o coincidir este movimento com annos de boa colheita, por forma que a nau do Estado navegava com maré de rosas.

Como, porém, as redes ferro-viarias não são trabalho eterno, nem as trajectorias escolhidas correspondiam ás necessidades mercantis e industriaes, verificou-se com espanto que os rendimentos não compensavam o esforço, e que a phantastica abundancia gerava uma ruina, pois que o paiz comera parte do capital emprestado, sem que conseguisse obter um juro compensador.

De facto, muitas das linhas creadas não remuneraram, e o orçamento tem de cobrir os deficits com o producto de novos impostos lançados a esse fim.

As fabricas metallurgicas não tem sufficiencia de encomendas, limitando-se a viver quasi exclusivamente dos subsidios que o Estado lhes paga.

Não resta duvida, pois, que os caminhos de ferro que por toda a parte são base de riqueza, na Russia apenas servem a segregar a miseria.

Tanto mais que ao «modus faciendi», não presidiu aquelle espirito administrativo e economico que constitue o segredo da prosperidade dos emprehndimentos, por mais arrojados que sejam.

Assim, por exemplo, conjugado com o desenvolver dos melhoramentos materiaes andava o de crear a grande industria.

A este fim, montadas as officinas metallurgicas, o governo quiz garantir-lhes trabalho, pelo que, a torto e a direito, encomendava carris, furgões, carruagens, etc., sem mais cuidar das condições de economia em que taes obras deviam ser feitas.

D'aqui proveio que das 8690 locomotivas que o governo em 1891 possuia para as suas linhas, só 3030 vieram do estrangeiro, tendo sido as restantes 5660 fabricadas no Imperio.

Assim 15 locomotivas construidas de 1897 a 1899 na fabrica Struve (Russia) custaram á razão de vinte e tres contos cada, enquanto 3 que no mesmo periodo vieram da fabrica Valdavin (Philadelphia), saíram a vinte e um contos de réis apenas.

Em 1891 tinha o prejuizo sido maior, porquanto o governo tivera de pagar 28 locomotivas na fabrica Briansk (Russia) á qual dava tambem subsidio, á razão de dezotto contos cada, ao mesmo tempo que pagou 19 eguaes nas fabricas de Vienna d'Austria por 3500000 réis a menos cada uma! (2)

Tanto concorreu para este e outros esbanjamentos a pouca honestidade dos industriaes como a dos funcionarios encarregados de negociar os fornecimentos.

A' parte a prevaricação do funcionalismo que usa desviar em seu proveito bona 50 % das verbas que está encarregado de dispendir em serviço official, tornou-se a construcção ferro-viaria



d'Espagne e ao Chios Garmie não fará ideia do que sejam os altos Pyreneus com as suas cascatas ensurdecedoras, os seus desfiladeiros, as suas gargantas profundas, os seus rochedos, as suas escarpas que se succedem cavalgando-se para as nuvens, os seus gelos eternos, o seu aspecto bravo. E' uma natureza á parte, inconfundível pelos aspectos raros que assombram e deliciam os olhos.

A Suissa tão cantada civilisou-se, calçou luvas, amodernisou-se e poz pó de arroz. Os Py-



Povoa de Varzim



A praia da Povoa

reneus são conservadores, teem principios mais rigidos. A Suissa amesquinhou-se pela arte. Ali não ha arte e tudo é grandioso. Na Suissa os despenhadeiros falam inglez com gentes de carruagem. Os Pyreneus são analfabetos, mas falam uma linguagem universal, sonora que todos os peões entendem n'um bello tu cá tu lá de montanha para montanha.

Ao leitores que desadorem viagens... dispendiosas, offerecemos duas gravuras de Lourdes e duas de Cauterets. Fazemos votos para que ellas representem um passeio, ou... uma economia.

## PRAIAS

A Figueira da Foz e a Povoa de Varzim são duas das praias mais bonitas de Portugal, onde este mez se reúnem grande numero de banhistas. A primeira é mesmo já hoje uma praia internacional, tal é a profusão de estrangeiros, especialmente hes-



Na Figueira da Foz. — Sahida do banho

villa a uma cidade. Povoa do Varzim é um recanto alegre do norte pittoresco, a Figueira é uma cidade bonita adicionada a uma vastissima praia elegante e chic.



Chelós Benoitel.

Na praia da Figueira da Foz

Olhos azues são tiranos...  
Não ha nenhuns como os teus!  
De viverem só de enganos  
Já enganaram os meus!

Tiro um malmequer, á sorte,  
Desfólho-o todo em seguida...  
Por teu amor ando á morte  
E diz elle que me dá vida!

Cahiu-te um beijo no chão,  
Tornou-se em amor-perfeito:  
Assim foi meu coração  
Quando cahiu no teu peito!

RIBEIRO DE CARVALHO.





LOURDES. — Esplanada da Basílica

naa, em muletas, em braços, que joelham, que rezam, que soluçam, olhos postos na imagem da Senhora, que da meia sombra da gruta, parece abençoar, n'um sorriso de mãe amantíssima, aquella onda de cabeças, aquelle mar de corações que albergam a grande consolação da crença. O que entra com ares de mófa curva-se, e, a seu pezar entorne se, e — quem sabe? — do fundo do seu scepticismo sae por ventura uma oração, ou uma duvida, que Zola não contestou.

Dizia nos á beira da gruta um velho sacerdote tolhido de rheumatismo:

— A saude dos fortes é inimiga da Fé. Quereis crer? Adoecei...

E todos os dias as aguas operam milagres, fazendo andar paralyticos, engordando consumidos, dando vida a cadaveres ambulantes. E a Senhora, sempre sorrindo maternalmente, bondosamente, assiste do fundo da sua gruta ao desfilar constante da humanidade afflicta, aquecida pelo fervor das preces e pelo calor dos milhões de velas que a caridade lhe accende aos pés, e a industria fabrica ao lado.

Então o viandante emancipa-se da emoção da scena sempre empolgante e deixa-se arrastar para as aguas cantantes de Caunterets, aguas que se despenham em liberdade das altas montanhas em cascatas soberbas, cortando desfiladeiros agrestes.

Caunterets não se descreve. Vê-se em extasi. Caunterets cura tudo: gotta, coisas da pelle, rouquidão, diabetes. Até cura excessos de saude. Já assim pensavam os romanos que iam em cata das suas thermas, milagrosas sem intervenções extranhas. Caunterets fez-se ponto terminus de outras peregrinações annuaes — uma estação idealmente familiar, simples, com banhos de manhã, pulverisações e copinhos de agua fervente a toda a hora. Ali o espirito repousa n'um grande bem-estar, mesmo o espirito dos que o não teem. Terra de hoteis como Interlaken, mal chegam as primeiras nevoas despovoa-se. Mas durante a sua epocha de mez e meio nem um logar vago.

Caunterets impõe excursões. Quem não vá pelo menos a Pont



LOURDES

[A gruta da Senhora de Lourdes]



# Altos Pyreneus

## Lourdes — Cauterets

O *touriste* que desce de Pau para subir aos picos selváticos de Cauterets encontra ao extremo de uma planície vasta que vae esbater-se nas escarpas dos altos Pyrenéus a velha Lourdes, celebrisada em tempos antigos, mas celebridade que nunca attingiu a que data de 1858. E pára ahí, não para ver os restos das suas muralhas romanas, o castello que vem do seculo XII, ou os vestigios da sua igreja do seculo X que terá assistido ás luctas entre huguenotes e catholicos.

Pára para ver a gruta milagrosa e as romarias dos milhares de peregrinos com té. A antiga residencia dos Bigorre, dada aos inglezes pelo tratado de Brétigny, e reconquistada depois por Carlos V, pertence aos archivos da historia: não o interessa. Pode dormir tranquilla na poeira das tradições. O pittoresco da terra é de somenos importancia.

O que o attrae e prende, como primeira *étape* de penitencia antes de trepar nos ares puros de Cauterets, é o asylo modesto que a Immaculada Conceição escolheu no anno da Graça de 1858 e de onde mandou dizer, pela pequena Bernadette, aos padres, que edificassem um vasto templo e uma fonte para os achacados de todas as enfermidades.

Isto passou-se no supradito anno 58, em 11 de fevereiro. O vulto sereno e celeste de uma mulher de branco, todo cercado de uma aureola de luz, fez-se ver dos olhos da vidente Bernadette, sobre um pedregulho de certa caverna cavada na rocha, da qual rocha filtravam aguas santas, e disse em voz de caricias:

—Eu sou a Immaculada Conceição. Adopto Lourdes e curarei os doentes que provarem da lymphá. Vae e cumpre o teu dever.

A pequena foi. E o sr. bispo de Tarbes, n'uma pastoral, determinou que se desse credito á apparição.

E seis annos depois (1864) por sobre a gruta de Massabielle, lá muito no alto, surgia alva e inponente a basilica, que domina aquelles logares santos, e que o viandante avista de longe como que a indicar uma nova terra de promissão.

E o viandante manda parar o comboio, apeia-se e vae, n'um recolhimento inevitavel assistir ao desfilar da peregrinação de 20 e de 30 mil enfermos, em cadeiri-



CAUTERETS — Cascata de Pont d'Espagne



CAUTERETS. — Vista geral



# Monumentos de Lisboa

A historia dos povos escreve-se em monumentos, mas esta grande obra de architectura ou de escultura, destinada a recordar perpetuamente qualquer feito importante ou qualquer homem notavel, carece de ser feita com arte e com grandeza. Dizia Grimm que uma má obra de litteratura passa e esquece, mas um monumento ridiculo subsiste durante seculos.

Por isso, em toda a parte, a arte monumental é motivo de escrupuloso estudo, para que não succeda muitas vezes o que recentemente se deu em Lisboa, a proposito da estatua que os amigos dedicados de um medico se lembraram de lhe erigir. O artista precisa tambem de ser inspirado na feitura da sua obra e não pode receber essa inspiração da vulgaridade, mas, a par d'esse direito que ninguém lhe contesta, tem o dever de se não deixar arrastar pela banalidade e de procurar qualquer cousa que lhe acorde o sentir de fórma a poder dar aos vindouros, bem nitida, a razão da sua obra, quando lhe não possa dar a sua significação.

Aos monumentos magnificentes de Athenas e da Roma antiga, succedem-se as grandiosas cathedraes da idade media, e ás torres rendilhadas do seculo xv; as simples estatuas. Da commemoração da epoca, passou-se á commemoração do feito e d'este á celebração do homem apresentado aos vindouros como figura destacada do seu tempo.

O *Brasil Portugal* dá hoje tres dos monumentos de Lisboa.

A estatua equestre de D. José I, que se admira logo ao desembarcar no Terreiro do Paço, a mais vasta praça da capital e uma



Estatua de D. José I

das mais grandiosas da Europa, inaugurou-se a 6 de junho de 1776, e é obra do celebre artista Machado de Castro que escreveu uma interessante memoria sobre ella, intitulada (*Descripção analytica da estatua equestre* — 1810). Quando Eugenio dos Santos de Carvalho foi incumbido de traçar o risco da nova cidade, foi ao mesmo tempo encarregado de fazer o desenho para um monumento a consagrar ao Monarcha em cujo reinado se reedificára Lisboa. Esse desenho não foi aproveitavel, e chamou-se para fazer o monumento um artista italiano, cujo nome ignoramos, e que tão pouco o levou a effeito. Foi então que o architecto da cidade, successor de Eugenio de Carvalho, Reinaldo Maria dos Santos, mandou chamar em fins de 1770 Machado de Castro a Mafra, onde estava trabalhando com Alexandre Giusti. A 15 de outubro de 1771 dava começo ao modelo em ponto grande e cinco mezes depois, a 10 de Março, apresentava-o prompto. Fundiu-se de um só jacto em 15 de Outubro de 1774, a 21 de Maio de 1775 sahia da fundição e dias depois era collocada a estatua equestre no pedestal, onde hoje se admira. O cavallo e o cavalleiro são de dimensões grandes, dizendo-se que um homem dos mais altos, e de chapéu na cabeça, passa por baixo da barriga do animal sem ter de se curvar.

Dois grandes grupos contornam o pedestal. O da direita representando o *Triumpho* segura pelas redeas um fozoso cavallo que atropella um prisioneiro de estatura agigantada, e o da esquerda a *Fama*, um elephante pisando outro prisioneiro; em ambos esses grupos, dispersos, instrumentos bellicos, armas e bandeiras. Será discutivel a ideia, mas o que é indiscutivel é a perfeição com que ella foi realisada. E' magnifica a correção do desenho e esplendido o bem acabado das esculturas.

Na face do monumento, esculpidas em relevo, as armas da cidade, das quaes pende um bello medalhão com a effigie do Marquez de Pombal, o celebre ministro do Rei que monta o cavallo, medalhão que a populaça ingrata e desenfreada arrancou do seu logar na madrugada de 27 de abril de 1777, mas que em outubro de 1833 foi mandado ali collocar de novo.

A estatua equestre de D. José I, vestido de arma branca e empunhando o sceptro, é de bronze, mede 31 palmos e meio de altura



Estatua do Duque da Terceira

e com a sua fundição gastou-se 620 quintaes de metal que levaram 28 horas a derreter; o esqueleto da estatua é feito de grossas vigotas de ferro e pesa 100 quintaes.

Na execução dos grupos do monumento Machado de Castro teve como cooperadores Francisco Leal Garcia, José Joaquim Leitão, João José Elveni e Alexandre Gomes.

O monumento *Sá da Bandeira*, collocado n'uma pequena praça a jardinação do antigo Aterro, a praça D. Luiz, compõe-se de tres partes: a base, o pedestal e a estatua ou grupo principal. Sobre a base formada por tres largos degraus, assenta o pedestal no qual se admiram uns grupos allegoricos; nas duas faces lateraes baixos relevos representando o ferimento em Vielle, a mutilação do braço no Alto do Bandeira, o desembarque em Villa do Conde e a retirada para a Galliza, os principaes feitos do glorioso Marquez de Sá da Bandeira, cuja figura em bronze encina o monumento, de pé, e empunhando a bandeira. A seus pés um genio levanta-lhe um facha de luz, da qual dimana a Liberdade.

Depois da inauguração, appareceram accusações de que a parte principal do monumento não é fiel, porque a figura do Marquez não era aquella, o seu uniforme tambem não, e o genio tem dimensões acanhadas. Mesmo que assim seja, os grupos allegoricos que estão no pedestal compensam bem essas irregularidades. A estatua da Historia é magestosa e perfeita; a da mulher que aponta ao filho o apostolo da emancipação dos escravos, reproduzida com notaveis sentimento e inspiração; de rara execução os dois leões que la-deiam o pedestal, e lindos os baixos-relevos em marmore de Carrara. Inaugurou-se esta estatua a 31 de julho de 1884, e d'essa festa ha uma memoria descriptiva deixada pelo fallecido estadista Henrique de Barros Gomes.

Foi o monumento esculpido por um artista italiano Ciniselli que morreu prematuramente, antes de inaugurada a sua obra. Como deixasse na miseria os seus, mesmo durante a cerimonia, se abriu uma subscrição para a familia do mallogrado artista, sendo os primeiros nomes inscriptos os do Rei e da Rainha, D. Luiz I e D. Maria Pia.

A estatua do *Duque da Terceira*, o valente general conde de Villa Flor, que a 24 de junho de 1834 desembarcou em Lisboa, á frente das tropas liberaes, fica bem ali, no Caes do Sodré, olhando do alto do seu pedestal, simples mas elegante e bem lançado, esse rio que foi testemunha silenciosa da sua anciedade de patriota e de liberal.

Antes dos dois ultimos e depois d'elles, muitos outros monumentos se erigiam. Descrevel-os hemos á medida que n'estas paginas se reproduzam em gravura.



Estatua do Marquez de Sá da Bandeira



# O Dr. Carlos Augusto de Carvalho

**H**a poucos dias o telegrapho, no seu cruel e rude lacerismo habitual, annunciou-nos a morte, na cidade do Rio de Janeiro, do grande vulto que tinha este brilhante nome! E como os dois paizes onde se fala a lingua portugueza, situados aos dois lados do Atlantico, em hemispherios diferentes do globo, tem communs, alem da lingua, a fulgurante historia, as tradições, as glorias, os costumes e a religião, não pode uma magua affectar um d'elles sem que no outro se sinta immediatamente o ecco pungente d'esse profundo sentimento.

E' isso que agora se está vendo com o triste acontecimento que estamos commemorando.

O conselheiro Dr. Carlos Augusto de Carvalho era um cavalheiro illustradissimo e de fino trato, um advogado de primeira ordem, um economista de largos vãos, um estadista a quem o Brasil e Portugal muito devem, e um publicista de Direito e homem de letras, bem digno de figurar como um dos primeiros na lista dos mais conspícuos.

Assim como os dois povos irmãos se unem na celebração dos seus enthusiasmos e regosijos, como ainda presentemente estamos ouvindo com a visita da canhoneira *Patria*, justo é que perante a grande dôr que afflige corações brasileiros, pulsem harmonicamente corações de portuguezes paralelamente feridos.

Em presença de tão profundo e luctuoso acontecimento não pode o *Brasil-Portugal* ficar mudo, e por isso se associa commovido ás demonstrações de pesar com que a familia brasileira pranteia o passamento de tão illustre cidadão!

Nunca esqueceremos a deliciosa impressão de sympathia que experimentámos, quando em uma bella tarde de agosto de 1893, nos avistámos pela vez primeira com este grande homem, no seu modesto escriptorio de advogado na Rua da Quitanda da bella capital do Brasil.

Foi nosso mutuo apresentante o velho e honrado Portuguez já fallecido ha annos, que residiu n'aquelle hospitaleiro paiz perto de meio seculo, João da Costa Fortinho; e isso só por si, dada a individualidade do grande homem e a do apresentante, era para nós uma segura garantia de que haveríamos de intender nos sempre cordealmente e sem reservas, como effectivamente veio a acontecer.

O semblante risonho do Doutor, o seu olhar caricioso e penetrante conquistavam sem difficuldade o seu interlocutor, sentindo nos nós por isso immediatamente á vontade na sua agasalhadora presença, e parecendo que nos conheciamos de muitos annos. Essa primeira impressão foi confirmada e robustecida, nas relações mais íntimas que viemos a ter na sua casa campestre e pittoresca da Rua do Bispo, na sua residencia de Bruxellas tempos depois, e nas suas fugitivas e rapidas estadas em Lisboa sempre muito curtas.

Nunca esqueceremos tambem a ultima vez que tivemos o prazer de conversar com o Dr. Carlos de Carvalho, quando ha dois annos, de passagem no Tejo durante algumas horas, em viagem para o Rio, fomos abraçá-lo, em companhia de outro Brasileiro de robustissimo talento, advogado tambem, o pernambucano Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley Araujo.

O Dr. Carlos de Carvalho foi um homem eminente e muito notavel no seu paiz, como o teria sido em qualquer outro, porque a envergadura do seu talento era muito grande. Alem das lides do fóro que lhe deram logo um grande nome e lhe grangearam uma reputação, foi governador do Estado do Pará, ministro das relações exteriores duas vezes, e por ultimo director do Banco do Brasil no Rio de Janeiro.

Foi durante a presidencia do marechal Floriano Peixoto que o Dr. Carlos de Carvalho sobraçou pela primeira vez em 1893 a pasta dos Estrangeiros; mas como os temperamentos, as ideias de liberdade, e as crenças politicas dos dois eram diversissimos, não poderam intender-se, e ao cabo de poucos dias o Dr. Carlos de Carvalho dava a sua demissão.

Sucedeu-lhe no ministerio o Dr. Cassiano do Nascimento, homem mais docil nas mãos do marechal de ferro, e que veio alguns mezes depois a assignar a celebre nota em que o governo da republica brasileira rompia as relações diplomaticas com o nosso governo, um pouco por causa do asylo dado aos revoltosos vencidos da esquadra brasilei-

ra, mas principalmente por causa da fuga de alguns d'elles no Rio da Prata.

Mais tarde durante a presidencia do honrado e conciliante Dr. Prudente de Moraes, sendo segunda vez ministro das relações exteriores o Dr. Carlos de Carvalho, foram reatadas as interrompidas relações entre os dois paizes irmãos. E' preciso dizer-se em abono da verdade, que a interrupção das relações nunca foi além do campo protocolar da formalista diplomacia, porque a colonia portugueza sempre manteve as mais cordias ligações com o povo brasileiro. Entretanto não podemos deixar de enaltecer a boa vontade e efficazes diligencias postas em pratica pelo talentoso jurisconsulto e ministro cuja perda hoje deploramos.

Mais de uma vez nos disse annos depois este grande Brasileiro, que Portugal commettera um grande erro, tomando a attitudo que tomou perante o governo do Brasil em frente d'aquella passageira difficuldade; e accrescentava:

«Se o asylo houvesse sido dado por navios inglezes em vez de portuguezes, creia que a attitudo do governo brasileiro teria sido outra bem diversa! O governo portuguez devia ter sustentado corajosamente o acto do asylo, com a altivez que tal acto por si mesmo inspirava, e mesmo ufanar se d'elle e cobril o incondicionalmente com a sua responsabilidade e com as suas prerogativas indiscutíveis. E se assim houvesse procedido creia que o governo do marechal não teria tomado o tom arrogante que tomou».

Não é esta occasião propria, nem dispomos de espaço para exhibir com mais largueza as insuspeitas opiniões de um homem que era um grande patriota, um grande jurisconsulto, um grande estadista, mas um grande amante da mais austera justiça e da verdade; não pudemos contudo furtar-nos a apresentar ao menos fugitivamente, as opiniões do homem de quem estamos tratando, n'aquillo que ellas podem relacionar-se com um acontecimento importante e historico dos tempos modernos em que elle representou um tão sympathico papel.

O Dr. Carlos de Carvalho publicou em Bruxellas em 1899 um livro de altissimo valor sob o titulo de *«Direito Civil brasileiro, recopilado ou nova consolidação das leis civis, vigentes em 11 de agosto de 1899»*.

Não podemos avaliar o merecimento d'este livro, mas lemos com muito interesse a magnifica introdução que o precede, e que é um estudo phylosophico, juridico e social de grande valor que só por si faria a reputação de um escriptor e de um pensador de primeira grandeza.

N'esse escripto, avaliando um pouco os acontecimentos que implantaram no Brasil o novo regimen politico, e o apreço em que elle tinha o poderosissimo elemento portuguez na colonisação da sua terra, diz o Dr. Carlos de Carvalho:

*«Esse movimento geral de unificação e concentração do direito, com o intuito de formar ou consolidar a unidade nacional, não impressionara nos primeiros dias de sua responsabilidade historica o governo provisório da Republica Brasileira. Sem cohesão espirital, em vez do Estado Federal, unico órgão da soberania, preparava o desmembramento, fazendo o paiz saltar da concentração imperial para a confederação de Estados, todos soberanos. Felizmente para a integridade da Patria operou se logo a reacção»*.

*«Unidade ethnica, ameaçada pela infiltração da colonisação allemã e italiana nos quatro Estados do Sul, — onde o clima não pode modificá-la de modo a realizar a fusão com o precipitado, resultante dos tres elementos, o portuguez, o autochthone e o africano, constitutivos da população brasileira — a Republica veria sua unidade politica exposta á acção de forças eccentricas ou divergentes, se prevalecesse a quebra da unidade do direito privado»*.

O Dr. Carlos de Carvalho deixa um grande vacuo no fóro, nas letras, e na politica brasileira, o qual difficilmente e só com o tempo poderá ir sendo preenchido. Novo, cheio de vigor de uma grande actividade e de uma não vulgar illustração, poderia ter prestado durante muitos annos ainda assignalados serviços ao seu paiz; e como a prosperidade do Brasil está intimamente ligada á nossa, não podemos tambem por esse motivo egoista deixar de lamentar a subita morte de tão inclito varão.

Paz á sua alma!

AUGUSTO DE CASTILHO.





demonios! que ás vezes tinha fúrias quando passava diante d'uma padaria! Felizmente para mim, n'esses momentos, lembrava-me sempre da boa religiosa do hospício, que tantas vezes me recomendou que fosse honrado, e até parece que sentia sobre a minha cabeça o calor da sua mãozinha. Finalmente aos dezoito annos assentei praça... E agora — até quasi que me dá vontade de rir — temos o cerco e a fome!... Já vê que não lhe menti ha bocado quando lhe disse que tinha tido sempre, sempre fome!

O duque tinha bom coração, e ouvindo esta confissão terrível, por um homem como elle, por um soldado cujo uniforme tornava seu igual, sentiu-se profundamente commovido. Foi mesmo feliz para a sua fleugma de dandy, que o vento da tarde seccasse nos seus olhos duas lagrimas que acabavam de apparecer.

— João Victor, disse, não ousando por um instincto delicado tratar por tu o engeitado, se sahimos vivos d'esta guerra medonha, havemos de nos ver e espero poder lhe servir para alguma cousa. Mas n'este momento como não ha nos postos avançados outro padeiro senão o cabo e como a minha ração de pão é duas vezes maior que o meu apetite, — fica assente, não é verdade? — que a havemos de dividir como bons camaradas.

Foi valente o aperto de mão d'estes dois homens; e como a noute cahisse, entraram para a taverna onde uma dúzia de soldados se tinham deitado sobre a palha e, deitando-se um ao lado do outro, adormeceram n'um profundo sono.

Pela volta da meia noute, João Victor acordou, tendo fome talvez. O vento tinha varrido as nuvens, e lua pene trando na taverna pelo buraco do telhado, illuminava a loura e bonita cabeça do jovem duque de Hardimont. Ainda todo commovido com a bondade do seu camarada João Victor olhava-o com uma admiração terna, quando o sargento do pelotão abriu a porta e chamou os cinco homens que deviam ir render as sentinelas avançadas. O duque era d'esse numero, mas não accorreu quando chamaram pelo seu nome.

— Hardimont, de pé! repetiu o sargento.

— Se dá licença, meu sargento, eu vou em seu lugar... Está a dormir tão socegado... e é o meu camarada.

— Como quizeres.

E desde que partiram os cinco homens, todos começaram a resonar.

Mas uma meia hora depois, tiros de espingarda, cerrados e muito pertos, ouviram-se na noute. N'um instante todos se puzeram em



Clichsé Bonafel.

Espadas, bandarilheiros e «monos sabios»

pé; os soldados sahiram da taberna caminhando com precaução, a mão no gatilho da espingarda, e olhando ao longo da estrada, toda embranquecida pela lua.

— Mas que horas são? diz o duque. Estava de guarda esta noite. Alguem respondeu-lhe.

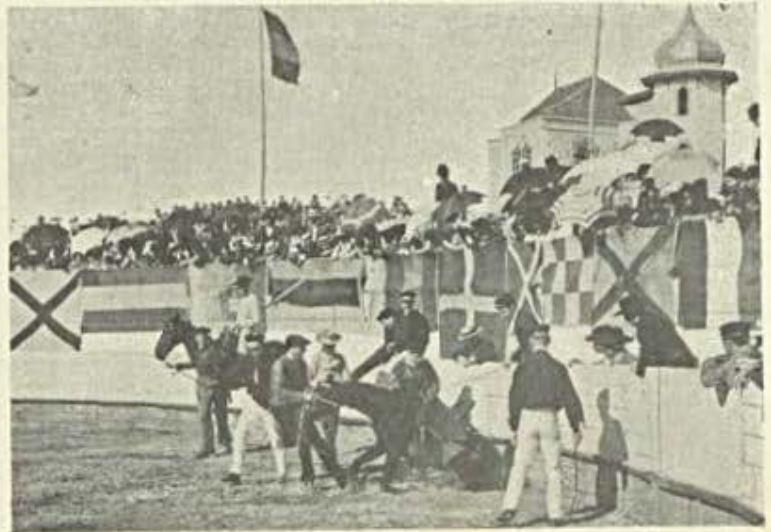
— João Victor foi em seu logar.

N'este momento, viu-se um soldado que chegava a correr pela estrada fóra.

— Que ha de novo? perguntaram-lhe, quando parou, todo esbaforido.

— Os Prussianos atacam... corremo nos sobre o reducto.

— E os camaradas?



Episodio de trambulhão

— Vem ahí... só o pobre João Victor...

— O quê? exclamou o duque

— Uma bala que lhe atravessou o craneo... Morreu sem dizer: ai!

Uma noite do inverno passado, pela volta das duas horas da manhã, o duque de Hardimont sahia do club com o seu visinho, o conde de Saulnes; acabava de perder algumas centenas de luizes e sentia-se com dôres de cabeça.

— Se o meu caro amigo quizesse, disse ao companheiro, entraríamos a pé... Tenho necessidade de tomar ar.

— Pois não; com todo o gosto.

Mandaram embora os *coupés*, levantaram as gollas de pelles e desceram para os lados da Magdalena. De repente, o duque empurrou alguma cousa com o bico do sapato; era um granda pedaço de pão, todo sujo de lama.

Então, com grande espanto seu, o sr. de Saulnes viu o duque de Hardimont pegar no bocadão de pão, limpá-lo cuidadosamente com o seu lenço brazonado e pol-o sobre um banco do *boulevard*, á luz de um bi-o de gaz, bem na evidencia.

— Que está fazendo? diz-lhe o conde soltando uma gargalhada. Está doido?

— E' a recordação de um pobre rapaz que morreu por mim, respondeu o duque, cuja voz tremia ligeiramente... Não ris, meu caro, porque me pode offender!

FRANÇOIS COPPÉE.

## Excavações

Formoso Tejo meu, quão differente  
Te vejo e vi, me ves agora e triste,  
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste  
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a grossa enchente  
A quem teu largo campo não resiste,  
A mim trocou-me a vista em que consisto  
Meu viver contente ou descontente

Já que somos no mal participantes  
Sejamol-o no bem, ah quem me dera  
Que fossemos em tudo semelhantes.

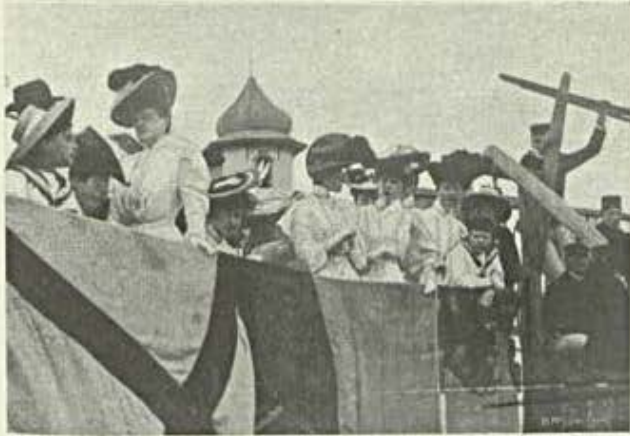
Lá virá então a fresca primavera,  
Tu tornarás a ser quem eras d'antes.  
Eu não sei se serei quem d'antes era.

LUIZ DE CAMÕES.



nhia diante do reduto das Hautes-Bruyères, posição fortificada à pressão, que protegia o canhão do forte de Bicêtre.

O lugar era sinistro: uma estrada bordada d'árvores magras e rachiticas, atravessando os campos leprosos dos arrabaldes, e, á beira d'esta estrada, uma taberna abandonada de que os soldados tinham feito o seu posto. Tinham-se ali batido alguns dias antes, a metralha tinha destruído varias arvores, e todas traziam nos troncos as brancas cicatrizes dos tiros d'espingarda. Quanto á casa, o seu aspecto fazia estremecer; o telhado tinha sido furado por um obuz, e os muros pareciam sarapintados com sangue. As pipas arrombadas; as malhas e as bolas espalhadas pelo chão; o balouço



Nas bancadas

com as cordas que o vento humido fazia gemit; as inscrições por cima da porta, raspadas pelas balas: *Gabinetes de sociedade — Absintho — Vermuth — Vinho a 60 cent. o litro* — que enquadram um coelho morto, pintado por cima de dois tacos de bilhar atados em cruz por uma fita — tudo isto lembrava com uma ironia cruel a alegria popular dos domingos d'outr'ora. E, por cima de tudo isto, um feio céu d'inverno onde rolavam grossas nuvens cor de chumbo, um céu baixo, colérico, odioso.

À porta da taberna o duque estava immovel, a espingarda em bandoleira, o bonnet para os olhos, as mãos carnudas nas algeiberas das suas calças vermelhas, e morrendo com frio. Entregue a sombrios pensamentos, este soldado da derrota olhava tristemente a linha dos montes perdidos na nevoa, d'onde partia de quando em quando, com uma detonação, a nuvem branca do fumo d'um canhão Krupp.

De repente, sentiu que estava com fome.

Poz um joelho em terra e tirou do seu sacco, encostado de encontro ao muro, um grande pedaço de pão de munição; depois, como tivesse perdido a sua navalha, trinçou o assim mesmo e comeu lentamente.

Mas depois de ter comido alguns bocados, estava satisfeito; o pão era duro e tinha um gosto amargo. E pão fresco só na distribuição do dia seguinte, e ainda se a intendencia assim o determinasse. E' algumas vezes bem dura e bem triste a tal profissão de soldado; e agora é que o duque se lembrava d'aquillo a que elle chamava outr'ora os seus almoços hygienicos, quando, depois d'uma ceia mais demorada, se sentava sobre uma janella do rez-do-chão do *Café Inglez*, fazendo-se servir — meu Deus! uma coisa bem simples — uma costeletta, dois ovos mechidos com pontas de espargo. E o criado dos vinhos, conhecendo o seus habitos, abria com precaução uma fina garrafa de velho *léoville*, docemente escondido n'um cabazinho. Caramba! Afinal era esse o bom preço, e jámais se poderia habituar a este pão de miseria.

E, n'um momento d'impaciencia, o rapaz atirou com o cesto do pão para cima da lama.

N'este mesmo instante um soldado sabia da taberna; baixou se, apanhou o bocado, afastou-se d'alguns passos, limpou o pão com a manga e pôz-se a devoral o com avidez.

Henrique de Hardimont estava com vergonha do que tinha feito, e olhava com piedade para o pobre diabo que mostrava um tão bom apetite. Era um rapaz alto, mal feito de corpo, com olhos de febre e uma barba de hospital, e tão magro que as suas omoplatas faziam bossas debaixo do seu capote usado.

— Pois tens tanta fome, camarada? disse aproximando-se do soldado.

— E' como vês, respondeu este, com a bocca cheia.

— Perdõa-me. Se soubesse que te poderia fazer prazer, não teria deitado fóra o meu pão.

— Não faz mal, respondeu o soldado. Não tenho nõjo.

— Não senhor, diz o aristocrata, o que fiz é mal feito e já estou arrependido. Mas não quero que faças má ideia de mim, e como

eu tenho do velho cognac no meu cantil, vamos beber juntos uma boa golada.

O homem tinha acabado de comer. O duque e elle beberam do cognac; o conhecimento estava feito.

— E como te chamas?

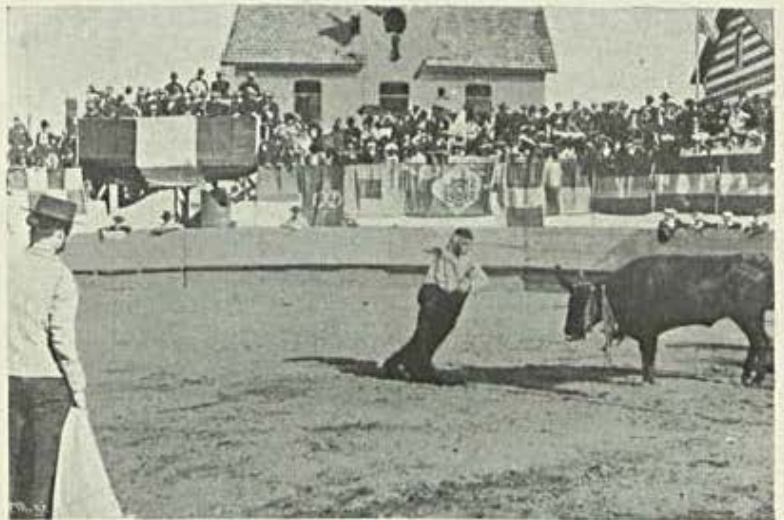
— Hardimont, respondeu o duque, supprimindo o seu titulo e a sua particula... E tu?

— João-Victor... Acabo de entrar na companhia... Saio da ambulancia... Fui ferido em Châtillon... Ah! era na ambulancia que se estava bem, e o enfermeiro dava-nos bem bom caldo de cavallo... Mas a ferida não era grande; o major assignou a minha sahida e, agora vae-se de novo rebentar com fome... Se não quizeres não acredites camarada, mas tal que tu me vês, tive sempre fome toda a minha vida!

A palavra era medonha, dita a um voluptuoso que lamentava ainda ha pouco a cosinha do *Café Inglez*, e o duque de Hardimont olhou para o seu companheiro com espanto. O soldado sorrio dolorosamente, deixando ver os seus dentes de lobo, os seus dentes de esfaímado, tão brancos n'aquella face cor de terra. E adivinhando que se estava á espera d'uma confidencia:

— Olhe, disse o soldado cessando bruscamente de tratar por tu o seu camarada, adivinhando sem duvida que era um feliz e um rico. — olhe, vamos andar um bocado para aquecermos os pés; e eu lhe contarei cousas que sem duvida nunca ouviu... Chamo-me João-Victor, João-Victor sem mais nada, por que sou um engeitado, e a unica recordação boa que tenho é o tempo da minha primeira infancia, emquanto estive na casa dos expostos. Os lenções eram brancos, nos leitos do nosso dormitorio; brincava-se n'um jardim, debaixo de grandes arvores, e havia uma religiosa, muito nova, pallida como um cirio, — andava doente do peito — de quem eu era o preferido e com quem gostava mais de passear, do que brincar com as outras creanças, por que me puchava contra si fazendo-me festas com a sua mão magra e morna... Mas aos doze annos, depois da primeira communhão, só a miseria! A administração tinha-me posto em aprendizagem em casa d'um empalhador de cadeiras do *faubourg* São-Jacques. Já vê que não é um officio; impossivel de ganhar a vida, e a prova é que a maior parte do tempo o patrão só tomava como aprendizes os rapazes do hospicio dos cegos. Foi então que comecei a passar fome. O patrão e a patrão, — dois velhos, marido e mulher, que morreram assassinados, — eram terríveis avarentos, e o pão, depois de nos ter dado um bocado muito pequeno ao almoço e ao jantar, ficava fechado á chave.

— E á noute, á hora da ceia, era curioso vêr a patrão quando nos servia a sôpa, o suspiro que soltava de cada vez que nos dava mais uma colher... Os dois outros aprendizes, os cegos, eram menos infelizes do que eu; não lhe davam mais do que me davam, mas não viam o olhar d'esta má mulher de cada vez que me estendia o prato... E a desgraça é que já tinha então um grande apetite. Ora diga-me se a culpa é minha?... Fiz lá trez annos de aprendizagem, sem nunca satisfazer o meu apetite... Trez annos aprende-se aquelle officio n'um mez; mas a administração nem



Clichsé Benoit.

Mátalo, Perestrello!

tudo pôde saber e não pensa que exploram com as crianças... Ah! admirou-se de me vêr pegar no pão enlameado? Pois já estou habituado; apanhei muitas côdeas pelas valetas, e quando estavam muito sêccas, deixava-as amollecet toda a noute na minha bacia... Algumas vezes tambem apanhava bons bocados, os bocados de pão que os rapazes deitam fóra quando sahem da escola. Quando andava aos recados era sempre por onde passava... E depois, quando a aprendizagem acabou, comecei a trabalhar pelo officio, que não dá para um homem comer. Tambem tive outros, por que nunca me faltou a coragem para o trabalho. Dei serventia a pedreiros: fui criado de armazens, fui limpa-chaminés, nem eu já me lembro do que fui! Hoje não havia que fazer; árnanhã era despedido... Emfim, nunca comi á minha vontade... Ah! com mil



tos, jornadeando nos tempos das malapostas, suspiravam por uma paragem reconfortante.

Esta casa e esta escrevaninha pertenceram ao José Pinheiro, *sportman* e agricultor tão notável como notório e culto.

Eduardo Garrido, cunhado de José Pinheiro, que Deus tem saturado, ou o que quer que fosse das grandes cidades, refugiava-se aqui, n'esta paz, octaviana e farta. D'uma vez chegava elle aqui quando José Pinheiro montava a cavallo para ir a algures, e com demora larga.

— Diabo! lastimou o Garrido. Mas não tem duvida. Fico, *quand même*. Até me convem a solidão. Tenho que escrever a letra para uma coisa de theatro, Fico, mas vae dizer aos teus servos que sou mudo.

José Pinheiro, a rir, convocou servos e servas e d'est'arte lhes arengou:

— Este senhor é mudo mas percebe-se muito bem por signaes. Quando o não entenderem elle escreverá.

E montou a cavallo. O Garrido ficou-se em Tagarro cinco ou seis dias sem dar palavra. Levantava-se, saia de manhã, voltava para o almoço e ficava-se tempos esquecidos á meza a saborear o café. Depois vinha sentar-se á escrevaninha a matutar, a matutar... Pela tarde descia á quinta e depois de jantar tornava a quedar-se á meza outra vez a saborear o café.

Um bello dia, mal chegou do passeio matutino, sentou-se á escrevaninha, e, d'um jacto, a seguir, sem levantar a penna do papel, escreveu o *Amigo Banana*, essa joia cançoneta comica, que quasi não tem par nem mesmo entre as d'elle.

E de subito, com voz de estentor, berrou ao creado:

— O almoço! Não ouviu? Traga o almoço, homem!

O creado, tomado de pasmo por ouvir falar o mudo,



Clotilde Bonaldi.

Um quite

rodou nos ca-canhares para a cosinha. Ahí é que foram ellas!

— O senhor falou! annunciou elle, tremulo.

As servas de Deus, attonitas, escancaravam as bocas como portas de *garages* de automoveis.

— Falou, pois! Por signal que me atirou dois berros como dois trovões!

E tudo aquillo entrou de roldão pela sala de jantar.

— Então *vossa incellencia* falou?!

— Está bem de ver. Era mudo, mas voltou-me a fala.

Foi um milagre. Agora tragam-me o almoço, que tenho fome.

— Milagre! bemdito seja Deus.

— Ainda bem.

— Era uma pena! Um senhor tão perfeito!

— Ali vem o patrão! bradou o creado da cocheira. Vi-o passar lá em baixo, á vinha da Mattinha.

— Esperem lá! fez alegre um d'elles. Tenho cá uma ideia.

E largou a correr. Logo após meia duzia de foguetes paravam os ares quentes do *pino do meio dia*, como disse o Camillo.

José Pinheiro deu de esporas e em dois corcôvos de um bello cavallo poz-se a meio do pateo e apeiou-se de salto.



Uma boa vara!

— Que diabo é isto aqui?!

— O senhor falou!

— Foi um milagre!

— Foi Nossa Senhora...

— Foi...

— Falou? Nesse caso faz-se uma festa em acção de graças.

E o bom do José Pinheiro foi abraçar o cunhado, que ali mesmo no pateo, de papel em punho, lhe leu o *Amigo Banana* com aquella cara comicamente séria que o caracteriza e tendo como primeiros ouvintes os serviaes da quinta de Tagarro.

FREI ANTONIO.

## O bocado de pão

Um jovem duque de Hardimont estava em Aix, na Saboia, para fazer tomar as aguas ao seu famoso cavallo *Perichole*, que apanhára uma pulmoira depois d'um resfriamento no Derby. E acabava de almoçar quando, lançando um olhar distraído para um jornal, leu a noticia do desastre dos francezes na batalha de Reichshoffen.

Bebeu o seu copo de *chartreuse*, pôz o guardanapo sobre a meza do restaurant, deu ordem ao criado de quarto para fazer as malas, tomou, duas horas depois, o expresso de Paris e correu á repartição do recrutamento para se alistar n'um regimento de linha.

Pode-se ter levado, dos desenove aos vinte e cinco annos, a existencia do *estoiradinho* — era então o termo na moda — pode-se passar uma vida estúpida nas cavallariças de corridas e nos *bouloirs* de cantoras de opereta, — ha circumstancias em que se não pode esquecer que Enguerrand de Hardimont morreu com a peste em Tunis, no mesmo dia em que São Luiz, que João de Hardimont commandou as grandes companhias no tempo do Du Guesclin, e que Francisco Henrique de Hardimont morreu combatendo em Fontenoy. Apesar de gasto como estava pelos seus escandalosos e imbecis amores com Lucy Violette, o moço fidalgo, ao saber que uma batalha tinha sido perdida por francezes em territorio francez, sentiu o sangue subir-lhe ao rosto e experimentou a horrivel impressão de quem recebe uma bofetada.

Eis a razão porque, nos primeiros dias de novembro de 1870, tendo entrado em Paris com o seu regimento que fazia parte do corpo de Vinoy, Henrique de Hardimont, atira-lor na "terceira", do "segundo", e membro do Jockey-Club, se achava com a sua compa-



# A tourada em Cintra

**E**stá em erro quem suppozer que só a Hespanha tem Fuentes, Bombitas e Guerritas. A corrida do dia 10, em Cintra prova que em espadas, bandarilheiros e cavalleiros, Portugal não lhe fica atrás. E ainda d'esta vez coube á parte mais joven e robusta da velha aristocracia provar que não estava dessorado o sangue heroico, e que tanto elle póde brilhar deante de um negro armado como deante de um touro bravo.

Representam as gravuras que damos n'estas paginas os lidadores, esveltos e destemidos rapazes que tão peritos e experimen-

tradicioneas em que o Marialva, e mais tarde o Castello Melhor, o D. Antonio de Portugal, o Marquez de Bellas, enchiam de fremitos os corações femininos e arrancavam palmas ovacionaes á multidão extasiada.

E como não seria justo fechar estas linhas sem deixar n'ellas gravados os nomes dos moços lidadores da corrida de Cintra, aqui os registamos para que tambem os registem na sua memoria e no seu applauso os leitores do *Brasil Portugal*:

Espadas: Eduardo Perestrello "El Beltrio", Ruy da Camara "El Poca Cosa", e Pedro Galveias "El Sinvergüenza"; bandarilheiros: Rodrigo Pereira "El Micróbio", Fernando P. Basto "El Inglés", Eduardo P. Basto "Calamidades", Pedro de Mello "El Pánico", Fernando Redondo "Nomeveas", Vasco F. Rego "El Asqueroso Chico", e Sebastião da Cunha "El Conbigotes"; picadores: Rodrigo Seisal "El Basófiás", Joaquim Pombeiro "El Farroncas", Raul Camara Leme "Brazo de Hierro", Jorge de Mello "El Acaboso", Jorge Biek "El Milimetro", João Perestrello "Luna Llena"; Alguades: Vasco



A quadrilha

tados se revelaram na arte de taurear que mais pareciam consummados artistas, tal o arrojo e a elegancia com que adornavam de ferros os cornupetos, com que brilhavam nos passes de muleta, com que nos quites, nos cuarteos e nas estocadas, reis da *faena*, senhores da arena, evocaram os bons tempos da arte de tourear, e fizeram recordar, em adoravel miniatura, uma d'essas corridas

Serodio e José Mello; monos sabios: José de Castello Branco, Guilherme de Brito Chaves, Carlos da Camara, Vasco da Camara, Luiz da Camara de Sousa, José P. da Camara e João Serodio.



Clichés Benoitel.

Os tres espadas

D. Ruy da Camara (Ribeira grande), D. Pedro de Mello e Castro (Galveias)  
Eduardo Perestrello

## O amigo Banana e o Eduardo Garrido

Como o leitor não conhecerá a historia da gestação do *amigo banana*, pae mais velho de todos os Calinos actuaes, vamos nós contar-l'ha. Nós não, que de tanta sabença não queremos as honras. O caso passou-se em Tagarro ha bons quarenta annos, como se verá pelo trecho elucidativo que segue e que destacamos de uma carta do padre Antonio, de Obidos, traçada a correr n'aquelle estylo facil e fino e simples e por vezes aristado com que elle de onde a onde vem cousolarnos o espirito. Venia, *pater*, para a transcripção, e tu, leitor curioso abre bem os olhos e reposta-te n'esta pagina aos bons tempos da mocidade alegre do eterno galhoifeiro que se chama Eduardo Garrido. Damos a palavra a frei Antonio e guardamos cuidadosamente a carta intima que nos foi dirigida:

«... que lhe escrevo de Tagarro, aonde vim á abertura da caça — esse piteu celeste de todo o vicioso da confraria de Santo Humberto. Vicioso ou fanático, como quizer. Escrevo-lhe na mesma escrevaninha em que o Garrido escreveu o *Amigo Banana*, aquelle que

«... quando a gente o bispava á janella,  
"stava em casa com toda a certeza.»

Tem uma historia engraçada esta coisa do *Amigo Banana* ter sido elaborado em Tagarro, pequena aldeia do concelho de Azambuja, a dois kilometros, *circiter*, do Cercal — do Cercal do afamado chá e das canjas tão celebradas pelo Julio Cesar Machado, e tão saboreadas por quan-



\*A impunidade dos chefes de policia, arvorada em systema, e a ausencia de meios de defeza contra as arbitrariedades policiaes, constituem fonte de corrupção para o espirito politico do povo. (14).

LADISLAU BATALHA.

- (1) Juderias, *Op. cit.*, p. 196.  
 (2) Deschamps, *Op. cit.*, p. 142 a 144.  
 (3) Juderias, *Op. cit.*, p. 197.  
 (4) Hefferich, *Les finances des Belligerents*, 1894 — p. 17.  
 (5) *Apud* Deschamps, *Op. cit.*, p. 135 e 136.  
 (6) *Cl. Guide du Chemin de fer Trans-sibérien*, 1900.  
 (7) Sydnoff, *le mystère russe*, Paris, 1904, p. 190.  
 (8) Sydnoff, *Op. cit.*, p. 191.  
 (9) Joubert, *Rossia as it really is*, p. 27.  
 (10) Ular, *La révolution russe*, p. 74.  
 (11) Deschamps, *Op. cit.*, p. 46 e 47.  
 (12) Ular *Op. cit.*, p. 84 e 85.  
 (13) Tikhomirov, *Op. cit.*, p. 382.  
 (14) Artigo inserto no *Jornal dos Estudantes*, *apud* Tikhomirov, *Op. cit.*, p. 401.



Na nossa sala de honra dá hoje entrada uma nova poetisa, tão talentosa como modesta — modestia que não logramos desfazer. Passe, pois, o pseudonymo «Mita» firmando a joia que segue, e não nos peça o leitor que desvendemos o mysterio, que nos somos um poço de segredo.

## O vestido de cassa

No dia da communhão,  
 Como uma estrella que passa,  
 Vi-a seguir p'r'a igreja  
 Toda vestida de cassa.

A' tardinha, no terreiro,  
 Com que gentileza e graça  
 Ella dançava, envolvida  
 Em seu vestido de cassa!

Os rapazes das aldeias  
 Corriam todos em massa  
 Para a ver passar na estrada  
 Toda vestida de cassa...

Ella, porém, tão singela  
 Como pomba que esvoaça,  
 Nem dava por que era bella  
 No seu vestido de cassa!

A noticia, um bello dia,  
 De bocca em bocca perpassa  
 De que ia casar Maria  
 Toda vestida de cassa!

Correm todos á igreja  
 Para a saudar quando passa  
 Radiante de beleza  
 Envolta em ondas de cassa.

E tem o brilho da estrella,  
 Da madrugada á luz baça,  
 O ramo de lorangeira  
 Sobre o vestido de cassa!

Um anno depois o padre,  
 Na tosca igreja da praça,  
 Baptisava uma creança  
 Tambem vestida de cassa!

E Maria, sempre bella,  
 Com amor de mãe enlaça  
 Esse corpinho gentil  
 Envolto em ondas de cassa...

Hoje ao revêr-se no filho  
 Que é todo amor, todo graça,  
 'Inda beija commovida  
 O seu vestido de cassa!

Junho, 1905

MITA.



Conselheiro Frederico de Abreu Gouveia

† em Geraz de Lima a 4-9-905

Antigo deputado, antigo director geral de Instrução Publica, funcionario das mais distinctas e das mais consideradas, suicidou-se com um tiro de revolver, na allucinação resultante de um forte ataque de neurasthenia. Era agora director geral do ministerio da justiça.



O tenente de artilharia Jayme Augusto Teixeira Nepcmuceno

† em Vendas Novas a 30-8-905

Este malogrado official teve morte instantanea n'um desastre succedido na estação de Vendas Novas, quando ao assistir a um descarregamento de sucata, uma granada explodiu, mutilando-o.